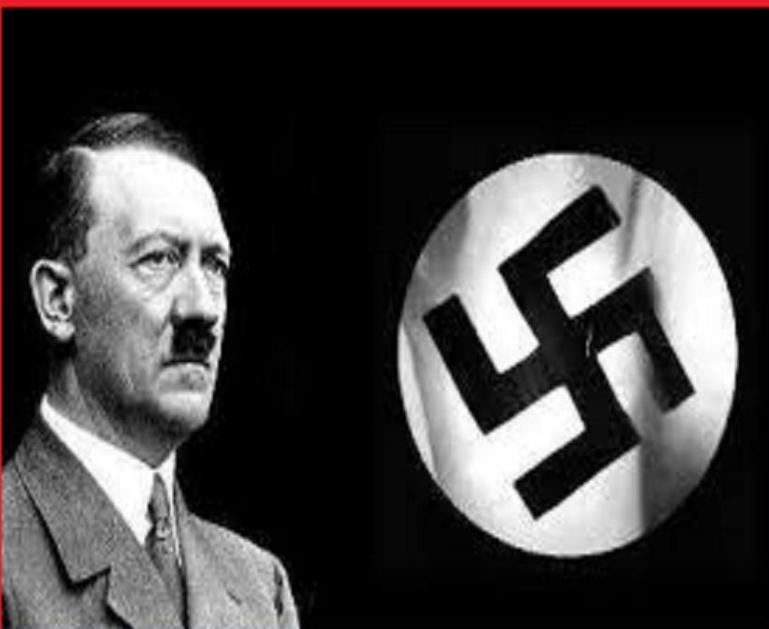


A
VERDADEIRA HISTÓRIA DE
HITLER
E DO
NAZISMO



A vida do maior
DITADOR
do Mundo de
todos os tempos

EDITORA

Caetés

UM

**A
VERDADEIRA
HISTÓRIA**

**DE HITLER
E DO
NAZISMO**

© 2018 – Editora Caetés Um – Livros Digitais

Série “*A Verdadeira História*”

APRESENTAÇÃO

A série “**A Verdadeira História**” traz nesta edição as biografias de Hitler a partir de coletâneas de textos escritos por grandes especialistas em *Nazismo*.

O principal objetivo da obra é expor um Hitler íntimo e compreensível, apesar das atrocidades cometidas contra a Humanidade. Isso significa penetrar no cérebro do ditador alemão e daí poder traçar um mapa psíquico que nos leve a um termo razoável em torno da sua personalidade.

Antecipar e coibir novos Hítleres é um dever dos Estados que visam à paz na Terra. A partir da iminência de atitude qualquer de um ditador que minimamente se assemelhe a do nazista-mór, causador do Holocausto, sem dúvida, tende a ser tema de preocupação e destaque nas Nações Unidas e nos fóruns na luta em prol dos Direitos Humanos.

O Mundo não comporta mais guerras, racismo, ou xenofobia. Porque nenhuma religião, ideologia, ou etnia há de se sobrepor ao amor entre os povos de todos os continentes.

Que países divirjam em seu pontos de vista econômicos e sociais, que países busquem o melhor para seus cidadãos, que países cumpram os acordos internacionais, contanto que para que a solidariedade prevaleça nenhuma gota de sangue escorra de novo pelo sagrado solo terrestre.

Fábio Braga

SUMÁRIO

- Apresentação.....03
- Sumário.....04
- 7 motivos que fizeram os alemães a embarcarem na loucura de Hitler.....05
- Os aliados ocultos de Hitler.....10
- E se Hitler tivesse vencido a Guerra?.....23
- Por que votamos em Hitler.....26
- A Valkiria que cavalgava com a SS.....29
- Hitler nunca teve condições de ganhar a Guerra....34
- A aquarela perdida de Hitler que ninguém quer comprar.....39
- Hilda Kruger, a espã que ia pra cama por Hitler e pelo Reich.....41
- A fábrica de filhotes nazistas.....46
- Biografia de Adolf Hitler.....56
- Sadomasoquista homossexual: relatório da inteligência dos EUA revela detalhes de Hitler.....62
- Qual era a religião de Adolf Hitler?....64
- Dossiê do governo americano diz que Hitler era gay.....68
- Fim das teorias da conspiração: comprovada a morte de Hitler em 1945.....71
- Governo da Áustria consegue desapropriar a casa onde Hitler nasceu.....73
- Cartas de Gandhi para Hitler.....75
- O que aconteceu com o espírito de Adolf Hitler?....79
- Onde estaria o espírito de Hitler?....82

7 motivos que fizeram os alemães embarcarem na loucura de Hitler

Entenda por que a sociedade alemã, que produziu tantos filósofos e artistas, apoiou os devaneios de Adolf Hitler e seus asseclas

Por **Eduardo Szklarz**

wikicommons (/)



Como uma sociedade tão sofisticada quanto a alemã foi capaz de dar suporte às barbaridades cometidas pelo regime nazista? Não é possível isentar o povo de responsabilidade, alegando que ninguém sabia o que estava acontecendo. A maioria sabia, sim, e provas disso não faltam. Por exemplo: a inauguração de Dachau, primeiro campo de concentração construído pelos nazistas, foi anunciada em 1933 numa entrevista coletiva. Ou seja: não dá para dizer que o regime ocultava os fatos e tentava manter a sociedade alheia aos crimes que estavam sendo cometidos.

“Só no estado de Hessen, havia mais de 600 campos, média de um a cada 15 quilômetros quadrados”, diz o cientista político americano Daniel J. Goldhagen, autor do livro *Os Carrascos Voluntários de Hitler*.

“E Berlim, a capital do Reich, tinha 645 campos dedicados exclusivamente aos trabalhos forçados.” Uma rede dessa magnitude não existiria sem a conivência da sociedade – do burocrata que carimbava sentenças de morte ao maquinista do trem que transportava prisioneiros ou à manicure que delatava clientes “suspeitos” à Gestapo – a polícia secreta do Reich. A explicação para esse fenômeno passa por sete fatores:

1. Tratado de Versalhes

O acordo de paz que encerrou oficialmente a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) forçou a Alemanha a assumir todos os custos do conflito. Ao assiná-lo, em 1919, o país perdeu 13% de seu território, 75% de suas reservas de ferro e 26% das de carvão, além de todas as colônias. Os alemães não esperavam um acordo tão rigoroso e se sentiram humilhados.

“A incapacidade psicológica alemã para aceitar a derrota e as reparações criou um terreno extremamente fértil para o crescimento de um nacionalismo radical, do qual o nazismo seria a expressão mais extrema”, diz o historiador argentino Andrés Reggiani, especialista em nazismo.

2. Sentimento nacional

Desde o século 19, sucessivos líderes alemães haviam insuflado um ardente nacionalismo entre o povo. O primeiro deles foi o chanceler prussiano Otto von Bismarck, que inventou a identidade germânica, unificou a Alemanha e fundou o 2º Reich.

Adolf Hitler seguiu sua cartilha, convencendo a massa de que a Alemanha era ameaçada por inimigos internacionais poderosos. “O Führer evocava a figura mística de Frederico Barbarossa, líder do Sacro Império Romano-Germânico [*o 1º Reich*]”, diz a historiadora alemã Marlis Steinert, biógrafa de Hitler. “Ele queria expandir o

território e prometia que o 3º Reich traria de volta o passado de grande potência.”

3. Aversão à democracia

O povo alemão nunca engoliu a República de Weimar (1919-1933), regime democrático que substituiu o império após a 1ª Guerra. Logo de cara, seus representantes foram responsabilizados pelas condições humilhantes impostas à Alemanha no Tratado de Versalhes. O Partido Social-Democrata tentou sustentar a democracia, mas não tinha apoio. “Todas as outras forças políticas eram favoráveis a um Estado autoritário”, diz Steinert.

Os nazistas se aproveitaram disso para convencer a população de que a democracia era desestabilizadora. “Muitos alemães sonhavam com a volta de um líder da estatura de Bismarck”, afirma o historiador canadense Robert Gellarely. “Viram em Hitler um sujeito capaz de tomar as rédeas do país e restabelecer a ordem.”

4. Política econômica

As reparações impostas pelo Tratado de Versalhes e a Grande Depressão criaram um cenário explosivo na Alemanha. O índice de desemprego chegava a quase 30%. Hitler viu nessa situação uma oportunidade. Assim que chegou ao poder, em 1933, adotou uma política de incentivo à indústria baseada na produção de bens de consumo e na melhoria do padrão de vida das classes mais baixas.

Assim surgiu, por exemplo, o Volkswagen (“carro do povo”), mais conhecido por aqui como Fusca. “Quando olhavam para trás, os alemães só viam crise”, diz Gellately. “Hitler lhes devolveu o emprego e fez as coisas voltarem a funcionar.”

5. Carisma de Hitler

O nazismo nunca teria chegado tão longe sem a liderança carismática de Hitler, um sujeito que hipnotizava multidões em seus comícios e tinha um poder de convencimento difícil de ser igualado. “No palanque, ele encarnava o mito do ‘corpo’ da Alemanha, cujo sistema circulatório era a massa que o aplaudia com devoção”, filosofa o cineasta sueco Peter Cohen no documentário *Arquitetura da Destruição*.



O caráter messiânico de Hitler foi bem explorado por seu ministro de Propaganda, Joseph Goebbels, que controlava os meios de comunicação alemães. Tudo girava em torno da forte personalidade do Führer.

6. Terror

O medo dos órgãos de repressão ajuda a compreender o silêncio da sociedade alemã diante das atrocidades cometidas pelo regime nazista. Mas o clima de terror nem sempre foi generalizado. No início, a maioria dos cidadãos não se sentia ameaçada e até colaborava com a perseguição a judeus e comunistas. “A Gestapo não seria tão eficiente sem a ajuda de cidadãos comuns”, diz o historiador Eric A. Johnson, autor de *Nazi Terror* (“Terror Nazista”, sem tradução para o português). “Entre 1933 e 1939, 41% dos processos contra judeus na cidade de Krefeld foram iniciados por denúncias de civis. Em outras cidades não foi diferente.” Ou seja: nos primeiros anos, o controle nazista não inspirou medo, mas confiança. Hitler estava preocupado com o apoio popular e construiu uma ditadura baseada no consenso. Tanto que recuou quando a população saiu às ruas para protestar contra a retirada de crucifixos das escolas e contra o programa de eutanásia. O terror só se generalizou com o início da guerra, quando o nazismo assumiu sua face mais cruel.

7. Racismo

Hitler se valeu de um antissemitismo arraigado havia séculos na Europa. A cristandade medieval tinha alentado o mito de que judeus eram aliados do diabo, não tinham pátria e queriam dominar o mundo. Mas essa discriminação foi adaptada aos propósitos do Führer durante a vigência do regime nazista: deixou de ter base religiosa para assumir um caráter racial. Assim, a natureza “degradante” dos judeus passava a ser entendida como imutável, não adiantava tentar convertê-los.

As propagandas do regime ensinavam que confinar e matar judeus, assim como ciganos e outras “raças parasitárias”, era uma medida de saneamento, como exterminar ratos e bactérias. A população comprou essa ideia. “Movidos pelo antissemitismo”, diz Daniel J. Goldhagen,

“os perpetradores do nazismo acreditavam que acabar com os judeus era justo, correto e necessário”.

Os aliados ocultos de Hitler

Grandes corporações alemãs e até americanas patrocinaram o nazismo, enviaram funcionários judeus a campos de concentração e venderam a tecnologia que tornou o Holocausto possível. Tudo em nome de uma ideologia: o lucro.

Por **Cláudia de Castro Lima**



								
IG FARBEN (BASF, BAYER E HOESCHT)	10	●	●	●	●	●	●	●
IBM	9	●						●
KRUPP	9	●	●	●	●	●	●	
SIEMENS	8	●	●		●	●		
COCA-COLA	6		●					
NESTLÉ	6			●				
DR. OETKER	8		●	●	●		●	
FORD	9	●	●	●	●	●	●	
GENERAL MOTORS	9	●	●	●	●	●		
BMW E DAIMLER-BENZ	8	●	●	●		●		

A solução final tecnológica

O Holocausto não teria acontecido nos moldes em que ocorreu não fosse a International Business Machines, mais conhecida como IBM. A tradicional empresa de tecnologia organizou toda a Solução Final, o plano de extermínio total dos judeus da face da Terra. Desde o fim do século 19, a IBM dominava uma tecnologia ancestral do computador, os cartões perfurados. Esse sistema, desenvolvido para fazer censos, podia capturar qualquer tipo de informação por meio de furos feitos em colunas e fileiras de um cartão especialmente preparado. Linhas horizontais e verticais tinham significados diferentes e, com o cruzamento delas, obtinha-se a informação, que seria interpretada por uma máquina da empresa.

O equipamento foi bastante útil para o Terceiro Reich. “Com a IBM como parceira, o regime de Hitler pôde substancialmente automatizar e acelerar as seis fases dos 12 anos de Holocausto: identificar, excluir,

confiscar, `guetizar, deportar e exterminar”, diz o jornalista americano Edwin Black no livro Nazi Nexus (“O nexo nazista”, inédito no Brasil).

Assim, ficou muito mais fácil para o Reich descobrir quem eram os judeus na Alemanha, onde viviam, em que trabalhavam. Confiscaram seus bens, tiraram seus empregos, jogaram-nos em guetos. Mais tarde, quando eles foram enviados para campos de concentração, a IBM coordenava todos os sistemas de trens para levá-los até lá. Já nos campos, as informações organizadas pelos programas da empresa eram usadas para os mais variados propósitos: gerenciar a mão de obra escrava, quem iria para a câmara de gás etc. O número de identificação tatuado no braço dos prisioneiros de Auschwitz nada mais era, a princípio, do que o número do cartão perfurado da IBM correspondente à pessoa. “Desde os primeiros momentos do relacionamento estratégico com a Alemanha, iniciado em 1933, o Reich tornou-se o maior consumidor internacional da IBM”, escreveu Black. Em valores atuais, o serviço prestado aos nazistas rendeu à subsidiária alemã US\$ 200 milhões.

Pós-guerra – Hoje, a IBM se limita a dizer que não tem muita informação sobre a guerra e que perdeu o controle de seus negócios na Alemanha no período.

A máquina de batalha

Em fevereiro de 1933, Gustav Krupp, cabeça da Krupp, grupo alemão de aço e armamentos, foi chamado, com outros 24 dos principais industriais da Alemanha, para uma reunião com o Partido Nazista. Hitler anunciou então seus planos, entre eles investir pesadamente nas Forças Armadas alemãs. Krupp, no papel de dirigente da Associação da Indústria Alemã do Reich, espécie de Fiesp de lá, anunciou que a instituição estava alinhada com os objetivos do futuro Führer e que estaria à disposição para ajudá-lo. Ou seja, o grosso do PIB do país, a elite industrial alemã, fechou com Hitler desde o começo.

Em 1936, já governante, Hitler elaborou o Plano de Quatro Anos, cujo objetivo era fazer com que a Alemanha nazista fosse autossuficiente em matérias-primas, essencialmente combustível, borracha, fibra têxtil e metais não-ferrosos – tudo isso como medida de preparação para os planos imperialistas do país. O desenvolvimento de produtos sintéticos foi acelerado, apesar dos altos custos. A produção de aço, por exemplo, subiu de 74 mil toneladas em 1933 para 477 mil em 1938.

“Quando Hitler subiu ao poder, os industriais não falavam uma língua só”, diz Jonathan Wiesen. “Mas a maioria estava feliz de apoiar nazistas em vez de comunistas, e de dar suporte a um movimento político que prometia limitar, senão esmagar, o crescente poder dos trabalhadores organizados. Gustav Krupp foi um que se tornou apoiador do regime.” Mesmo depois que ele sofreu um derrame e deixou o poder da empresa, em 1941, a Krupp continuou com o governo. Alfried, sucessor de Gustav, deu continuidade ao papel de principal fornecedor de armas e tanques da Alemanha. Durante a guerra, a indústria expandiu suas fábricas para todos os países ocupados, como siderúrgicas na Áustria e montadora de tratores na França. Como grande parte das empresas da época, a Krupp usou mão de obra forçada, com prisioneiros de guerra e de campos de concentração, e também civis dos locais ocupados. Acredita-se que o número de escravos tenha chegado a 100 mil.

Outra grande joia da indústria alemã a usar e abusar da mão de obra escrava foi a Siemens. Ela operava um subcampo em Auschwitz e um em Ravensbrück, na Alemanha, de onde retirou centenas de milhares de operários. Eles fabricaram telefones, telégrafos e rádios para a comunicação militar durante a guerra, componentes elétricos para motores de aviões, equipamentos para geração de energia, estradas de ferro e munições. A empresa ainda foi acusada de ter construído as câmaras de gás nas quais morreram milhões de judeus, mas isso nunca foi comprovado. Já o uso de mão de obra escrava era público e notório.

Pós-guerra – No Tribunal de Nuremberg, 12 pessoas foram condenadas, inclusive Alfried Krupp. Em 1999, a empresa se fundiu a outra grande siderúrgica alemã, formando a ThyssenKrupp. Na década passada, a Siemens começou a pagar indenizações às famílias de seus operários escravizados.

O alimento da guerra

Os negócios do alemão Max Keith viviam tempos difíceis com o início da Segunda Guerra. A empresa que dirigia, filial alemã da Coca-Cola, estava isolada da matriz, em Atlanta, EUA. E do resto do mundo também. A bebida tinha conquistado os alemães nas décadas anteriores, a ponto do país ter se tornado o maior mercado da empresa fora dos EUA. Mas, com a guerra, a Coca-Cola da Alemanha não conseguia importar os ingredientes necessários para produzi-la. Foi então que Keith teve uma ideia: fabricar um refrigerante com o que tivesse a mão. Nascia assim a Fanta.

A fábrica usou o que tinha de disponível, como soro da proteína do leite, subproduto da fabricação de queijo, e fibra de maçã, que vinha da fabricação da cidra. E o principal, as frutas mais fáceis de conseguir: laranja e uva. Keith foi reconhecido e passou a comandar também as filiais da Coca-Cola nos países ocupados pela Alemanha. Convidado a se filiar ao Partido Nazista, ele recusou. Mas enquanto nos EUA a Coca forjava a imagem de ícone americano e parceira inseparável dos jovens do front, sua subsidiária alemã usava mão de obra escrava, especialmente nos últimos anos da guerra.

Além de Coca, os nazistas gostavam bastante dos chocolates da Nestlé. A empresa suíça obteve lucros monumentais em contratos com os alemães. E, mais uma vez, com milhares de escravos em suas linhas de produção. Segundo um relatório elaborado pelo historiador suíço Jean François Bergier, a Nestlé não só usou mão de obra forçada em sua subsidiária alemã como a matriz estava a par de tudo. “Como regra, as empresas não se importavam com a situação. Desde

que a produção fosse mantida, elas não pensavam em intervir na política de gerenciamento de suas subsidiárias”, afirma o estudo.

Recentemente, outra indústria do ramo alimentício teve seu envolvimento com o nazismo vindo à tona – por vontade própria. A Dr. Oetker, aquela de bolos, sobremesas e chás, encomendou no ano passado um estudo sobre sua história durante o regime nazista. O patriarca, Rudolf-August Oetker, tinha as mãos sujas e era contra a investigação. Mas seu filho August decidiu que o trabalho deveria ser feito.

A pesquisa descobriu que, como muitos industriais da época, o diretor-executivo da companhia, Richard Kaselowsky, filiou-se ao Partido Nazista e doou grandes quantias a Heinrich Himmler, líder da SS (a tropa pessoal de Hitler). Rudolf-August Oetker, seu enteado e sucessor, manteve a proximidade. Em 1941, chegou a se alistar como voluntário da Waffen-SS, responsável pela vigilância dos campos de concentração. Além disso, a empresa também usou mão de obra forçada.

A Dr. Oetker é o mais novo nome em uma lista de empresas que pesquisam o passado que as condena. Esse movimento não é novo. “Desde 1970, uma boa parte das instituições e indivíduos alemães tentam encarar seu passado nazista”, diz Martin A. Ruehl, professor da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, e especialista em história intelectual da Alemanha moderna. “Em alguns casos, isso aconteceu em resposta a pressões externas, como nos julgamentos conduzidos nos EUA. Em outros, não houve essa indução.” Para ele, essas empresas sentiram necessidade de encarar a própria colaboração para não serem vistas como silenciosas ou complacentes.

Pós-guerra – A Nestlé admitiu o envolvimento e pagou US\$ 14,5 milhões para um fundo das vítimas de trabalho escravo. A Coca-Cola pediu desculpas publicamente.